

Carlos Roberto C. dos Santos

OUTROSSIM

(O finito e o interminável na análise)

Há registros que invariavelmente participam do trajeto analítico. Dentre esses, existem os destacados por Freud quando se refere ao término de análise. A esse respeito, ele escreveu o artigo “A análise terminável e a interminável” (1937), abordando o tema da duração, ao citar o momento de uma análise (a do homem lobo) em que marcou o seu término para uma data específica.

A relação subjetiva com o término de algum processo ou percurso é uma matéria na qual ocorrem muitos conflitos, algo que certamente aparecia e aparece em qualquer análise. Mesmo o fato de alguém haver encerrado uma de suas experiências com os semelhantes também traz referências à perda como algo gerador de sofrimento psíquico. Trata-se de aspectos que Freud já havia formalizado quando abordou o tema da melancolia.¹

A terminalidade é, pois, uma categoria que exige de quem a vive um preparo pessoal relativo aos aspectos que se referem à temporalidade decorrente do campo das representações de uma área na qual está inserido, principalmente na situação de análise. É a temporalidade que inclui o modelo evolutivo, conforme o expresso por C. Darwin, mas também o que exprime a repetição, pois as representações funcionam segundo esses dois parâmetros, quando a subjetividade inconsciente é focalizada através do movimento que ocorre desde o representante psíquico da pulsão até o da representação. Nisso, é observado que se trata de um movimento muito evidenciado pela perspectiva progressivista, mas, ao lado desse progresso, existe o aparecimento do que já passou.

Uma maneira que Lacan usou para mostrar esse duplo registro concernente ao movimento simbólico, foi através dos estabelecimentos lógicos presentes na série formada pelos números inteiros naturais. Uma série que é iniciada pelo zero e vai sempre adiante, no sentido voltado para o infinito. É o interminável no qual sempre rebenta a categoria de sucessor. O interessante é constatar que o zero (o antes) é que realiza a operação de avanço na série, um avanço que coloca o número seguinte no lugar de sucessor. É, portanto, lógico dizer que o zero acrescenta sua posição de primeiro número sem ser o um da série. Nesse caso, ele é o “mais

¹ In “Luto e melancolia” (1917).

um”, cuja função está relacionada à passagem ao sucessor. Assim, o zero é repetido em cada passagem de um número ao seu sucessor.

É o que escreve Robert Kaplan (O nada que existe: uma história natural do zero), referindo-se a um sermão de Meister Eckhart, o qual não observa o que diz. Citando o sermão, assevera:

“No decorrer de um de seus últimos sermões ele a anuncia a verdade que naquele momento fora revelada a ele: ‘Deus e eu somos Um. Agora sou o que eu era e não acrescento nem subtraio nada de coisa alguma, pois que sou o agente inerte, que age sobre todas as coisas.’ E isso, é claro, é exatamente o que o zero é.”

É o caso de se ver que Eckhart é quem acrescenta. Algo equivalente ao que ocorreu na história dos acontecimentos que envolveram os primeiros passos de Freud conforme as condições do psicanalítico. É a que envolve a participação do médico J. Breuer na formalização duma clínica para psicanalistas. Foi amigo e protetor de Freud. Este o teve como co-autor dos “Estudos sobre a histeria” (1895), em seguida, reconheceu sua posição de primeiro a observar os aspectos clínicos do psicanalítico. Posteriormente, repudiou essa conclusão para considerar-se como o único fundador da psicanálise.

É bem comum que os comentadores dos acontecimentos da vida de Freud, diretamente relacionados com a psicanálise, concluam no sentido de excluir o médico de qualquer participação na fundação dessa doutrina. Chegam ao ponto de afirmar que o vacilo inicial de Freud, ao colocá-lo como fundador, se deveu ao sentimento de gratidão por haver sido ajudado, inclusive com doações em dinheiro.

Inserindo-se esse acontecimento no meio em que operam as forças instauradas formalmente pelo zero, tal como ocorreu com a referida série de números, observa-se que Breuer é o “agente inerte” que age sobre os psicanalistas, principalmente quando estes ouvem a histeria que aparece nas manifestações históricas. Ele aparece em cada sucessor de Freud, na proporção de estar sempre indicando haver as raízes do que convoca o psicanalista para não seguir o psicanalítico. Noutros termos, Breuer é o zero que antecede o aparecimento do um fundador, o qual Freud incorpora através da formalização que faz da psicanálise.

Nesse sentido, o antes que está após o seguinte está presente quando Freud afirma:

“De todas as errôneas e supersticiosas crenças da humanidade que foram supostamente superadas não existe uma só cujos resíduos não permanecem hoje entre nós, nos estratos inferiores dos povos civilizados ou mesmo nos mais elevados da sociedade cultural. O que um dia veio à vida, aferra-se tenazmente à

existência. Fica-se às vezes inclinado a duvidar se os dragões dos dias primevos estão realmente extintos.”²

Ao lado dos movimentos de ir adiante e de repetição, existe o limite que os estaciona, o qual ocorre desde a posição ocupada pela pulsão no aparelho psíquico, até as aparições do representante da representação no meio discursivo.

No caso da pulsão, o limite é colocado porque não há um atingimento daquilo que tem condição de objeto. Aliás, este só é assim chamado por conta de sua qualificação metafórica, pois, na verdade, é um resto desprendido do corpo que funciona como representante psíquico da pulsão. Daí se poder dizer que na pulsão ocorre um contra-senso referido ao fato de haver uma saída para onde esteve. É algo semelhante à ocorrência de alguém dizer que está indo para onde já está.

No fluxo das representações inconscientes, essa temporalidade vai acontecer na presença constante duma barra que caracteriza a ação do recalque. Daí vem que as representações vão mudar em sua aparência e qualificação. Da coisa (Ding) vem as apalavrações (Sache), com as quais estão ligadas certas alterações que permitem receber um lugar-tenente no discurso (significante). Nesse representante, o limite será colocado pela dimensão do resto da pulsão, na sua perspectiva de vir causar o desejo.

Considerando esses aspectos concernentes ao limite pulsional e o das representações, o terminável e o interminável para Freud são dois termos que, sob a ótica da psicanálise, tomam a qualificação nocional relativa ao campo subjetivo inconsciente, mas também a que se refere ao endereçamento ao Outro primordial. É o colocado pelo arranjo que serve de título para este artigo.

Usando o termo “OUTRO~~Q~~SIM”, que significa “o mesmo”, é destacado o início em que consta o diferente (outro), e, quando a letra que segue é atravessada por uma barra transversal (~~S~~), mostra a inscrição subjetiva. Além dessas posições, há o término da palavra (SIM), que é a primeira sílaba de simbólico.

O “OUTRO~~S~~SIM” é a mostraçãõ de que o sujeito do inconsciente, as representações, o resto e a alteridade inconsciente formam a regência por onde se deve abordar o interminável e o limite, este sendo gerado pela finitude. Uma regência para colocar o Outro, a subjetividade e o simbólico em contato com as designações do que está além do princípio de prazer, nomeadas por Lacan como gozo fálico e o do Outro.

O gozo fálico é o apego do ser humano com a finitude, inclusive conforme o limite duma duração a qual é apresentada por Freud como a própria terminalidade. É o gozo que estabiliza o simbólico em sua perspectiva de relacionar-se com o signo em sua ânsia de tudo representar.

² In “A análise terminável e a interminável” (1937).

A finitude do gozo fálico é articulada a partir do momento em que há o limite formado por um elemento que não pertence ao campo de ação referido pelas representações. É o que Lacan formaliza no lado da sexuação masculina a propósito do que Freud elaborou sobre o assassinato do pai primevo em "Totem e tabu". É também o que pode ser nomeado quando se delibera, tomando como base o teorema de Gödel a respeito da necessidade de o exterior gerar a consistência duma argumentação de que todos são submetidos à lei da castração, porque um, o pai primevo, não está inserido nessa classe.³ Enfim, a finitude do gozo fálico pretende inteirar a constituição subjetiva com respeito às representações inconscientes. Esse propósito não se adapta quando se observa a inclinação do psicanalítico, caracterizada pela via do significante, a qual, como representante, representa o sujeito para outro representante, fazendo-o a geratriz do movimento que separa o dito do dizer.

Mesmo com uma tal pretensão, essa subjetividade é barrada em sua dimensão de tomar conta dum representante, fazendo-se representada por uma nomeação. Estará sempre na condição relacionada com o aparecimento, mas também com o desaparecimento. É o que Lacan chama de sujeito evanescente.

Ao lado desse sujeito, há o Outro também submetido à subtração, indicando haver um significante que lhe falta. Essa subtração instaura um gozo diferente do fálico. A diferença é que no fálico ocorre a formação duma finitude enquanto no gozo do Outro funciona o interminável. Assim, o artigo de Freud de 1937 sobre a terminalidade da análise refere-se a esse duplo registro do gozo. É o que Lacan focaliza quando elabora os matemas da sexuação, explicitando o masculino e o feminino sob o enfoque do psicanalítico.

A finitude está do lado masculino da sexuação, enquanto o interminável é acrescentado no lado feminino. Uma finitude na medida em que todos são castrados, menos o pai primevo, e o interminável se dá quando é afirmado que não existe o tal pai, pois todos são castrados. Uma posição paradoxal porque, inserindo o referido pai no conjunto dos castrados, não haverá o de todos assim serem. É uma caracterização que irá instalar a particularização de cada elemento, colocando em destaque o fato de não haver um universal dirigido à sexuação feminina. Assim, é considerado que cada mulher dirige um duplo registro para as posições de gozo, no sentido do fálico (Φ) e no do Outro ~~S(A)~~. É um lidar com a finitude e com o interminável.

As ressonâncias duma leitura dos referidos gozos como referenciais necessários para abordar o finito do terminável e o interminável vão no sentido da borromeianidade. Um sentido colocado desde quando a subjetividade borromeiana cria espaços de contato, sob o regime de interseção entre os três registros, somente que dois por vez.

³ É o segundo teorema de Gödel. Afirma que "se P é consistente, a consistência de P não pode ser demonstrada em P" (Kneale, "O desenvolvimento da lógica").

O imaginário com o simbólico constitui o sentido, porque daí vem o enodamento propriamente dito com o real. É o sentido do inconsciente enquanto é estruturado como uma linguagem, colocado pelo real. Daí, quando o enodamento é mostrado pelo real, surgem os espaços de interseção do gozo fálico e do Outro. O simbólico com o real refere-se ao fálus, enquanto o imaginário com o real, ao gozo do Outro.

São três espaços que estão presentes no âmbito do finito e no interminável na análise. Eles preparam o analisante para conviver com o transgressivo relativo à presença sintomática em conjunção e em disjunção com o resto, formando o registro que fundamenta o término de análise.